

FHC, agora, ataca aliança

Jamill Bittar/Reuters 1.03

DA REDAÇÃO

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou uma entrevista ao programa *Show Business*, da Rede TV!, para criticar os movimentos do governo em busca de uma ampla maioria no Congresso. “Ele não precisa de tantos aliados que custam tão caro. Acho que fez uma aliança grande e não vejo a utilidade dela”, afirmou Fernando Henrique.

“Não entendi porque foi feita uma aliança tão grande no Congresso. Eu fiz. Mas por que eu fiz? Porque queria mudar a Constituição. Mudei mais de 20 vezes. Foi um processo difícil. Agora, quando o governo do presidente Lula quis mudar, nós votamos a favor”, afirmou, emendando com uma dura crítica ao chamado aparelhamento do estado: “O governo está substituindo quadros técnicos por quadros partidários. Até mesmo em setores que eu acho que não se deveria, como nos setores mais econômicos. E isso tem efeito de longo prazo. Diminui a eficiência da máquina administrativa”.

No programa, que irá ao ar no próximo domingo, dia 25, o ex-presidente citou ainda contradições do Partido dos Trabalhadores. Ao falar do que considera a “característica positiva” do atual governo, num elogio direto ao ministro da Fazenda, Antonio Palocci, o ex-presidente bateu forte no partido de Lula. “O problema não é do setor financeiro nem do Ministério da Fazenda. É o conjunto do governo que gera sinais desencontrados e desconfiança”, afirmou, referindo-se à oposição interna.

Fernando Henrique afirmou que o governo Luiz Inácio Lula da Silva está “desencontrado dentro dele próprio (...) porque não estão fazendo muito com convicção”. E foi direto: “A pregação de 20 anos era outra. A cúpula entendeu, mas a base não. Então tem ministro que não concorda, tem militante que não concorda, tem deputado que não concorda”, declarou.

Além de Palocci, outra personalidade que mereceu elogios de Fernando Henrique foi o ex-presidente Itamar Franco, seu antecessor. “Itamar tem méritos, é uma pessoa simples e que tem um lado popular que não é falso. É autêntico”, afirmou. O ex-presidente tratou ainda de rebater as críticas de ter deixado ao seu sucessor uma “herança maldita”, sempre citada pelo próprio Lula e pela cúpula do PT. “Não tem herança maldita. Se fosse maldita estariam mudando tudo. Não estão mudando nada. (...) O lado positivo do presidente Lula foi consolidar o que estava vindo”, afirmou.

A maior crise que o governo Lula viveu até agora — a divulgação



FERNANDO HENRIQUE: “ELE (O GOVERNO) NÃO PRECISA DE TANTOS ALIADOS, QUE CUSTAM TANTO”

O GOVERNO ESTÁ SUBSTITUINDO QUADROS TÉCNICOS POR QUADROS PARTIDÁRIOS. ISSO DIMINUI A EFICIÊNCIA DA MÁQUINA

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil

de uma fita em que o ex-assessor da Casa Civil Waldomiro Diniz foi flagrado pedindo propina em 2002 — não ficou fora das análises do ex-presidente. Na entrevista, o presidente avaliou que o episódio “minou a aura de que o PT não tem mácula”. Fernando Henrique foi incisivo: “Não quiseram a CPI. O que ficou mal foi a idéia de que não pode chamar um ministro (José Dirceu) ao Senado.

Passa a sensação que quer esconder algo. Não deixaram investigar. Os mais responsáveis não foram ouvidos. Cadê a democracia?”.

Reeleição

Fernando Henrique voltou a negar que queira sair candidato à Presidência em 2006 e citou novamente quatro pré-candidatos tucanos para a sucessão de Lula, nesta ordem: os governadores

Geraldo Alckmin (SP) e Aécio Neves (MG), o presidente do PSDB, José Serra, e o senador Tasso Jereissati (CE). Nas últimas semanas, o ex-presidente voltou ao centro do debate ao criticar o governo Lula. Chegou a polemizar publicamente com o petista, o que deu força à tese de setores aliados e da oposição de que prepara a sua volta ao Planalto daqui a dois anos. “Não acho que seria bom nem para mim nem para o país porque para eu aceitar é porque está muito complicada a situação e não tem outro. Acho que não é normal que eu vá de novo me candidatar. Não é normal um terceiro mandato. É boa a renovação. Não cogito um terceiro mandato”, disse. “Qual dos quatro será o candidato não vai depender de mim, mas do que acontecer nos próximos dois anos. Temos que ter espírito aberto. O que somar mais vou apoiar”, completou.